

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AVA GARDNER, CYD CHARISSE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA
17 e 24 de fevereiro de 2022

MOGAMBO / 1953 (*Mogambo*)

um filme de John Ford

Realização: John Ford / **Argumento:** John Lee Mahin, baseado na peça "Red Dust" de William Collison / **Fotografia:** Robert Surtees e Frederick A. Young / **Montagem:** Frank Clarke / **Direcção Artística:** Alfred Junge / **Guarda-Roupa:** Helen Rose / **Direcção da equipa de exteriores:** Richard Rosson, Yakima Canutt e James C. Havens / **Interpretação:** Clark Gable (Victor Marswell), Ava Gardner (Eloise Y. Kelly), Grace Kelly (Linda Nordley), Donald Sinden (Donald Nordley), Philip Stainton (John Brown Pryce), Eric Pohlmann (Leon Boltchack), Laurence Naismith (Skipper), Dennis O'Dea (Padre José), indígenas das tribos Wagenia (Congo Belga), Samburne (Quénia), Bahaya (Tanganica) e M'Beti (África Equatorial Francesa).

Produção: Metro-Goldwyn-Mayer / **Produtor:** Sam Zimbalist / **Cópia:** 16mm, cor, legendado eletronicamente em português, 116 minutos / **Estreia Mundial:** 9 de Outubro de 1953 / **Estreia em Portugal:** S. Jorge, 11 de Novembro de 1954.

Apresentamos **Mogambo** na melhor cópia que conseguimos localizar que, embora cromaticamente em bom estado, por ser em 16mm apresenta uma menor definição do que o habitual.

Tem-se falado, com frequência, a propósito de actores e técnicos, de interpenetrações entre a obra de Ford e a de Hawks. Os dois cineastas foram grandes amigos (segundo Bogdanovich, Hawks teria sido a última pessoa que visitou Ford antes deste morrer e a única de quem o autor de **Liberty Vallance** se quis despedir). Nunca esconderam a grande admiração que tinham um pelo outro e Ford teria mesmo dito, nos anos 60, que ele, Hawks e Hitchcock eram os maiores cineastas americanos vivos.

Mas se muitas vezes usaram actores comuns (John Wayne é o supremo exemplo, mas podem-se citar ainda Ward Bond, Harry Carey Jr, Joanne Dru, Thomas Mitchell, entre vários outros) e se sobretudo os usaram em idêntica direcção (Hawks a continuar os personagens de Ford), qualquer comparação entre os dois geniais cineastas, fica praticamente por aí. Universos e estilos são completamente diferentes.

A que vem esta conversa? Ao facto, óbvio para quem conheça os dois filmes, de **Mogambo** trazer imediatamente à memória (quase logo desde as primeiras imagens) **Hatari!** de Hawks, obra nove anos posterior, à que vamos ver esta tarde. Teria Ford influenciado Hawks? Quem o pensar, estará a ser traído por semelhanças de argumento (o zoólogo solitário, as correspondências comportamentos animais - comportamentos humanos, uma erótica animalística que pode ser aproximável). E está a ser traído, porque tudo isso vem doutra obra de que **Mogambo** foi um "remake": **Red Dust** de Victor Fleming (baseado na mesma peça de teatro que serviu de base ao filme de Ford), filme de 1932, também com Clark Gable no protagonista (ao lado de Jean Harlow e Mary Astor). **Red Dust** passava-se na Indochina e não em África e a protagonista feminina era mais assumidamente do que Ava Gardner uma prostituta. Era bastante mais melodramático do

que **Mogambo**, mas as alterações introduzidas por Ford (ou pelo argumentista, Mahin) não autorizam uma "geneologia" **Red Dust-Mogambo-Hatari!** E não as autorizam porque a personalidade do realizador levou cada obra para seu lado. Melodrama no caso de Fleming. Erótica no caso de Hawks. Religiosa no caso de Ford.

Chegou a altura de subjectivizar e objectivar. Subjectivando, direi que **Mogambo** é uma das mais crípticas e insólitas obras de Ford. Objectivamente, julgo que é uma das que mais levou um cineasta tão clássico como ele o foi, para os caminhos da modernidade. E objectivamente, em defesa da minha hipótese, cito apenas uma sequência e um plano: a sequência da confissão e o plano de Ava Gardner, com a cortina de bambu a servir de grelha de confessionário e a magnífica elipse da confissão (que, como o próprio termo indica, e o sacramento impõe, não é coisa para ouvidos ou olhos alheios). O corte é tão brusco que (disse-me Luís de Pina) quando o filme foi estreado em Portugal, a sala desatou a protestar, julgando que se tratava de tesourada da censura. É um efeito magistral.

Mas há outros traços fordianos: o homem solitário, com passado elidido (herói que vem do escuro), a simpatia pela Madalena arrependida, o conflito entre o amor e o dever, a perturbação feminina num mundo de homens.

Para muitos comentadores, entre os quais durante muito tempo me incluí (eu também me confesso, só que à vista de todos) esses traços genéricos não chegavam para "salvar" **Mogambo** que, durante muito tempo e, mesmo junto de fordianos, teve fama de ser um filme menor. Falou-se da imposição da Metro (estúdio para que Ford raramente filmou e onde, até aí, só tinha feito **Flesh** em 1932): falou-se na inadequação ao trio de "monstros sagrados" que domina o *cast* (Clark Gable, Ava Gardner e Grace Kelly seriam muito pouco fordianos); falou-se de uma crise de Ford, que estava em baixo de forma, quer moral (suportou bastante mal os cortes e supressões feitas a **The Sun Shines Bright**, obra imediatamente anterior a esta) quer física (nesse mesmo ano, foi novamente operado aos olhos e deixou praticamente de poder ler).

Mas hoje julgo que nada do que eu disse e se disse é verdadeiro. A surpresa provocada por **Mogambo** vem, muito antes, de uma ruptura com temas anteriores, em que, sem nada renegar do fordianismo, se inicia a revisitação de fantasmas antigos à luz de uma moral muito mais crepuscular. E é nesse sentido que **Mogambo** avança sobre filmes finais e que nele se insinua **Seven Women**.

Tal como os admiráveis personagens do último filme de Ford, também estes transportam uma cultura "alheia" para um mundo "original". E esse "mundo" vai vencer essa "cultura". Fora da comunidade originária, á procura de paraísos e emoções artificiais, só encontram o seu próprio imaginário e só se aprofunda o abismo entre a ideia que de si tem e o comportamento que vão passar a ter.

Mogambo é o filme da grande perturbação do corpo, iluminado por duas sequências fulcrais: a da "cerimonia da coragem" e aquela em que Ava Gardner canta "Comin thro the Rye" ("*When a body meets a body / coming thro the rye / if a body kiss a body / need a body cry?*").

Por alguma razão é nessa última sequência que o filme e os personagens se começam a "dividir". E nada, jamais, poderá ser uno.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico